

QUANTO CUSTA APRENDER INGLÊS? REFLEXÕES PELA PERSPECTIVA DA ECONOMIA DA LINGUAGEM

HOW MUCH LEARNING ENGLISH? REFLECTIONS WITH THE PERSPECTIVE OF LANGUAGE ECONOMY

187

Francieli Bressiani Ferreira

Mestranda em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

francieli_bressiani@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/9733292733318444>

<https://orcid.org/0000-0002-3130-2031>

Eliane Iara Andolhe

Mestranda em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

andolheelianeiara@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4785827536279852>

<https://orcid.org/0009-0009-4909-2616>

Taisa Pinetti Passoni

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)

taisapassoni@utfpr.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/1682918727882586>

<https://orcid.org/0000-0001-7819-1327>

Resumo: O presente trabalho faz uma discussão, sob a perspectiva de uma pesquisa exploratória, a respeito do valor a ser investido na aprendizagem de língua inglesa, considerando esta como uma mercadoria ou serviço que pode ser adquirido pelos indivíduos na atualidade, enquanto capital social, deixando de ser apenas uma língua, com seu aporte cultural, tornando-se também, uma moeda de troca. Iniciamos, discutindo brevemente a trajetória histórica da expansão da Língua Inglesa, em contexto mundial e brasileiro, até se tornar um idioma internacional que representa prestígio e status para quem a domina. Trabalhamos alguns conceitos-chaves, em particular, do inglês enquanto mercadoria e, como saber isto torna-se um diferencial valorizado pelas empresas, principalmente nas multinacionais. Para tanto, realizamos um levantamento a respeito da média salarial dos brasileiros, em seguida buscamos orçamentos em escolas de línguas em nossa cidade, situada no sudoeste do Paraná, para descobrir o valor do investimento necessário para esta formação. Em seguida, refletimos sobre a relação entre ganhos do trabalhador brasileiro e o investimento necessário para aprender inglês. Após este percurso concluímos que, infelizmente, a formação em uma língua adicional ainda não é uma realidade possível para todos que desejam. Em virtude principalmente de recursos financeiros necessários para a sua obtenção. É por esse motivo que as políticas públicas que proporcionem acesso à formação são fundamentais, principalmente na educação básica.

Palavras-chave: Aprendizagem de inglês. Economia da linguagem. Expansão do inglês. Inglês como mercadoria.

Abstract: This work discusses, from the perspective of exploratory research, regarding the value to be invested in learning the English language, considering it as a commodity or service that can be acquired by individuals today, as social capital, no longer being just a language, with its cultural contribution, also becoming a currency of exchange. We begin by briefly discussing the historical trajectory of the expansion of the English language, in a global and Brazilian context, until it becomes an international language that represents prestige and status for those who master it. We work on some key concepts, in particular, of English as a commodity and how knowing this becomes a differentiator valued by companies, especially multinationals. To this end, we carried out a survey regarding the average salary of Brazilians, then we looked for budgets in language schools in our city, located in the southwest of Paraná, to discover the value of the investment necessary for this training. Next, we reflect on the relationship between Brazilian workers' earnings and the investment necessary to learn English. After this journey, we concluded that, unfortunately, training in an additional language is not yet a possible reality for everyone who wants it. Mainly due to the financial resources necessary to obtain it. It is for this reason that public policies that provide access to training are fundamental, especially in basic education.

Keywords: English learning. Language economy. English spread. English as a commodity.

Considerações iniciais

A Língua Inglesa vem se tornando cada vez mais importante e presente no cotidiano dos brasileiros, com isso passou progressivamente a fazer parte da paisagem das ruas, na escolha dos nomes de estabelecimentos comerciais, em propagandas de produtos, refeições, bebidas, em peças da moda, entre outros. Concordamos que nomes estrangeiros ganham prestígio devido ao caráter simbólico que os idiomas possuem de modo que sua utilização tende a remeter a uma suposta qualidade e superioridade em relação aos nomes nacionais (Passoni, 2018).

No que tange à definição dos idiomas para os currículos escolares, tal processo não é feito de maneira aleatória, ele traz consigo ideologias, formas de agir e pensar implícitas a uma determinada língua que foi destacada em relação às demais. Esta dinâmica que tende impor a definição de um idioma hegemonicamente - hoje em dia, o inglês - se dá com respaldo nessas ideologias uma vez que para haver dominação, é necessário consentimento (Gramsci, 1988; Ives, 2004).

Tomando como base o status de superioridade da língua inglesa no mundo,

Building the way

orientadas pelo referencial da economia da linguagem (Grin, 1996, 2006; Grin; Sfreddo; Vaillancourt, 2010), desenvolvemos este artigo para a disciplina de Políticas Linguísticas, enquanto alunas do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), para evidenciar o valor estimado que o inglês possui e analisar a possibilidade de um trabalhador brasileiro, conseguir investir na aprendizagem de línguas, especificamente, no inglês.

Esse trabalho busca compreender o quão acessível é para um cidadão médio brasileiro investir no aprendizado de inglês, pois sabemos que seu domínio é de grande relevância. A este respeito, a partir de Heller (2010), Passoni (2018, p. 147) afirma:

Em um contexto marcado pela economia globalizada, a língua inglesa tem cada vez mais se consolidado como um recurso que possui valor de troca. Essa condição pode ser evidenciada por meio da "Ideologia do inglês como mercadoria", a qual se manifesta em diferentes ramos de atividade econômica, tais como o turismo, os serviços de tradução, as comunicações, as artes, e de forma mais relevante para este estudo, o ensino de línguas.

Segundo o site do Senado Federal¹, o salário mínimo brasileiro a partir de 01 de maio de 2023 é de R\$1.320,00. De acordo com levantamento recente da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), "A renda média habitual real de R\$ 2.924, registrada no segundo trimestre de 2023, pela primeira vez supera os níveis observados no mesmo trimestre de 2019 (R\$ 2.904), imediatamente anterior à pandemia." (Carvalho, 2023, p.1), ou seja, um pouco mais que dois salários mínimos. Entretanto, dados de 2022 apontam que 90% da população possui renda per capita de menos de R\$1.531,00², isto é, pouco acima de um salário mínimo por pessoa.

Tais índices nos fazem refletir sobre como o salário do trabalhador brasileiro muitas vezes não é suficiente para dar conta de atender às suas necessidades básicas, como moradia, alimentação, transporte, entre outros. Investir uma parte do salário em formação ou qualificação profissional, requer um

¹ Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/08/24/salario-minimo-de-r-1-320-e-correcao-do-ir-vao-a-sancao#:~:text=O%20Plen%C3%A1rio%20do%20Senado%20aprovou,1.172%2F2023%20segue%20para%20san%C3%A7%C3%A3o> acesso em 04/10/2023.

² Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/04/13/aumento-da-desigualdade-10percent-mais-ricos-ganham-31-vezes-o-salario-dos-mais-pobres-nas-regioes-metropolitanas-diz-estudo.ghtml> acesso em 04/10/2023.

Building the way

planejamento a longo prazo, o que na maioria das vezes se torna inviável. Assim fica evidente que as maiores possibilidades de acesso a cursos de uma língua adicional pertencem à parcela da população de maior poder aquisitivo. As limitações impostas à maioria da população indicam a urgência de políticas públicas que possam atender suas diferentes demandas, dentre as educacionais e de preparação para o mercado de trabalho, a de aprendizagem de idiomas.

190

O acesso a uma língua adicional, nomeadamente o inglês desde 2017, é explicitada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)³, com oferta obrigatória a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. As redes de ensino, pública e particular, geralmente ofertam apenas uma aula semanal do idioma, de no máximo uma hora. É um tempo reduzido, para contemplar os objetivos de aprendizagem previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo que esperar uma formação, mesmo que básica, de um aluno com essa carga horária é improvável. Por isso a necessidade de buscar uma formação em escolas de ensino de línguas.

Diante deste cenário, este artigo visa refletir sobre quanto custo aprender inglês para um brasileiro e quais suas possibilidades de investir neste idioma. Para tanto, o artigo está organizado em três partes a partir desta introdução. Contemplaremos a fundamentação teórica relacionada à expansão do inglês no mundo e posteriormente no Brasil. Na sequência teremos a metodologia contendo a contextualização da pesquisa, bem como os dados relacionados pertinentes à realidade investigada. Em seguida teremos os dados levantados, então faremos sua análise e a discussão. Por fim, encerramos com nossas reflexões no âmbito das políticas linguísticas.

A expansão do inglês

Visivelmente a maior difusão do inglês aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, sendo um dos fatos que contribuíram para a propagação da tecnologia e da ciência, as quais avançaram e junto delas os manuais de instrução e estudos relacionados, foram escritos em inglês. Difusão essa que pode ter suas origens traçadas a partir da Revolução Industrial, a qual trouxe benefícios a Inglaterra devido a sua centralidade. Para Spolsky (2004), a língua inglesa surgiu como “novo inimigo”

³ Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 04/10/2023.

Building the way

- para as línguas europeias (alemão, espanhol e principalmente o francês, língua mais utilizada naquele contexto) - embora, naquele momento, a viram apenas como “outra língua europeia”. Para Lacoste e Rajagopalan (2005), um dos maiores feitos dessa expansão que aconteceu principalmente na Europa Ocidental, é o Plano Marshall com a fabricação do “bulldozer”, - equipamento de terraplenagem que compreende um trator de lagarta (‘correia’) equipado com lâmina frontal de aço reforçada e perpendicular ao chão, usado para escavar e empurrar terra e qualquer outro material; trator de lâmina - o qual foi desenvolvido com as instruções de uso e manutenção ou substituição das peças, todos em inglês.

Ainda segundo Lacoste e Rajagopalan (2005), outro fator importante foi a utilização da língua inglesa pelos pilotos e comissários, para comunicação com as torres de controle e passageiros dos diversos países, pois a maioria compreendia o mínimo possível para que a comunicação acontecesse. O autor também cita o aumento do número de viagens de turismo, atividade essa que movimenta um dos maiores mercados mundiais.

Somando-se a isso, o fato de que os Estados Unidos da América (EUA) receberam muitos pesquisadores europeus, principalmente judeus, que foram perseguidos pelas guerras e encontraram refúgio na América. Devido a esse fator, os EUA foram beneficiados por ter recebido e apoiado essas pessoas, mas principalmente o seu povo. Para Lacoste e Rajagopalan (2005, p. 11),

O número de prêmios Nobel de origem europeia e a notoriedade dos laboratórios que eles fundaram, graças a diversos tipos de financiamentos privados, são fatores de atração para os cientistas europeus. São sobretudo americanas as ciências informáticas, que foram subvencionadas por vultosas encomendas militares, e elas estão na origem da internet. Para seguir esse movimento e dele participar, é preciso falar inglês. Tanto na área da administração como na do jornalismo, os filhos de famílias abastadas querem completar seus estudos superiores fazendo um estágio em alguma universidade americana.

Além de todos esses acontecimentos, o reconhecimento e honra da nação norte-americana ficou mais evidente com a popularização da cultura, por meio dos filmes, produções televisivas e a música. O som que vem do Rock é na língua inglesa, não importa onde ele esteja sendo ouvido, e esses eventos e fatos contribuíram para que a língua inglesa permanecesse em evidência e aumentando cada vez mais a sua

Building the way

popularidade e simultaneamente a necessidade de aprendizagem, tanto que a evidente visibilidade dos EUA, trouxe a “moda de tudo o que é americano” (Lacoste; Rajagopalan, 2005, p. 11).

A difusão do inglês no Brasil

192

Considera-se que o primeiro contato de um falante de inglês com o povo nativo ocorreu por volta de 1530, quando um traficante de escravos e aventureiro chamado William Hawkins, desembarcou na costa brasileira. Para Lima, desde então esse contato tornou-se frequente, devido às negociações ocorridas na época.

Com o passar do tempo as negociações se intensificaram e a presença inglesa se tornou mais forte nas terras brasileiras. Para Freyre (1977, p. 56), o período de 1808 a 1914, foi o que mais evidenciou a presença de ingleses em território brasileiro, segundo o estudioso, os jornais oitocentistas abordaram a grande quantidade de negociações e os comércios britânicos que se estabeleceram no país.

Segundo o documento das Diretrizes Curriculares de Educação Básica do Paraná (Paraná, 2008), em 1809, com o intuito de melhorar a instrução pública, D. João VI assinou o decreto criando as cadeiras de Inglês e Francês. A partir desse momento o ensino de línguas modernas começou a ser valorizado.

Desde então, o inglês tem assumido lugar de resistência e prestígio, para aqueles que entendem que ele é “uma das formas mais comuns de se posicionar diante da ‘invasão’ da língua inglesa em nossas vidas é erguer uma muralha de rejeição psicológica contra o idioma e tudo o que ele representa” (Rajagopalan, 2005, p. 140) e para aqueles que

a atitude diametralmente oposta à rejeição sumária do inglês é a aceitação pura e simples do idioma, sob o argumento de que não há o que fazer diante de sua expansão no mundo, acoplada ao poderio econômico, político, militar e cultural do mundo anglófono após a Segunda Guerra Mundial e, mais notadamente, após a queda do muro de Berlim (Rajagopalan, 2005, p. 141).

Todo posicionamento traz consigo um arcabouço de prós e contras, mesmo escolhendo não escolher, pois se temos duas opções e decidimos não optar nem por uma, nem por outra, essa decisão é uma escolha. Para Sartre (1987), “a escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso

Building the way

sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo”.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 4.024, promulgada em 1961, criou os Conselhos Estaduais de Educação com a finalidade de inclusão ou exclusão da língua estrangeira no currículo escolar. Devido ao mercado de trabalho, a língua inglesa assumiu o seu lugar de prestígio e confirmou a sua expansão (Paraná, 2008). Nesse período, as escolas de idiomas adotaram e trouxeram material desenvolvido localmente, com o destaque primordial do inglês. Desde então, sua visibilidade cresceu e com ela a utilização de livros, gramáticas e dicionários.

A partir de 1996, quando aconteceu a alteração na LDB nº 9.394, a oferta de uma língua estrangeira moderna, tornou-se obrigatória em toda rede estadual - Ensino Fundamental II e Ensino Médio (EF e EM) - junto da alteração veio a o uso do livro didático e dos dicionários, ou seja, da mudança de *status*, o *corpus* necessitou de adaptações. Pois a utilização dos livros didáticos tem como objetivo “determinar conteúdos e condicionar estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva ‘o que’ se ensina e ‘como’ se ensina” (Lajolo, 1996).

Com a intenção de destaque do Brasil no Mercosul, a lei n. 11.161 de 2005, tornou obrigatório o ensino do Espanhol para o Ensino Médio e facultativo para o Ensino Fundamental II. Porém, com a reformulação da LDB, a lei nº 13.415/2017, tornou novamente o inglês obrigatório para todas as turmas de EF e EM. A mais recente mudança da LDB, corrobora com a defesa de Rajagopalan (2005, p. 151), o qual vê

A língua inglesa, tal qual vai se expandindo no mundo inteiro (a que chamo de World English) é um fenômeno linguístico *sui generis*, pois, segundo, as estimativas, nada menos que dois terços dos usuários desse fenômeno linguístico são aqueles que, segundo os nossos critérios antigos e ultrapassados, seriam considerados não-nativos.

Para o escritor, a língua inglesa faz parte do mundo, é do mundo, ou seja, contrariamente a maioria das línguas as quais possuem a maior parte dos falantes sendo nativos, o inglês possui sua maioria dos falantes, fora dos países de origem.

Além de ser obrigatória para alunos ingressantes no 6º ano, das escolas públicas e privadas, muitos municípios também incluíram no currículo escolar o componente da língua adicional, língua inglesa. Usada para promover políticas

Building the way

públicas ou visibilidade e *status*, hoje o inglês é visto como mercadoria peculiarmente única e valiosa.

A Língua Inglesa como mercadoria

Lagares (2018) denomina como línguas de elite aquelas que eram utilizadas principalmente na cultura escrita e como forma de coesão social, pelas camadas mais altas da sociedade e presente na atualidade. Sabemos que hoje, o inglês é a língua de domínio, mas não foi sempre assim. O fato de haver uma mudança na ordem de importância das línguas, como por exemplo a língua francesa que foi perdendo espaço gradativamente como consequência da perda de território e domínio, reafirma o que muitos autores defendem, um discurso político e ideológico ligados a ela, por esse motivo é possível afirmar que a predominância da língua inglesa na nossa sociedade reflete interesses econômicos e políticos. Atualmente as línguas estrangeiras, o inglês de sobremaneira, continuam ocupando lugar de prestígio e denotando poder aquisitivo àquelas que as detêm. Para Rajagopalan (2005), essa sobreposição da língua inglesa às demais línguas é um fenômeno grandioso, chamado de World English, ou ainda de língua mundial, internacional, etc.

[...] é uma realidade, fato que pode ser facilmente constatado ao redor do mundo, nos aeroportos mais movimentados, em eventos esportivos ou congressos acadêmicos internacionais etc. No entanto, erguer a bandeira do World English é uma questão política, porque a oposição a ele vem justamente daqueles que se vêem ameaçados por sua ascensão [...] (Rajagopalan, 2005, p.152).

Rajagopalan atribui a difusão mundial do inglês ao fenômeno linguístico *sui generis*, pelo fato da grande maioria dos falantes não serem nativos da língua, ou seja, buscaram e muito que provavelmente pagaram por ela. Podemos relacionar esse fato ao de possuir um “sonho de consumo”, um bem material muito almejado pelo indivíduo a ponto de interferir na sua identidade e autoimagem, fazendo com que ela se sinta mais segura, melhor capacitada e até mesmo mais importante que as demais. Isso reforça o valor que uma pessoa chamada de bilíngue possui tanto para si mesma, quanto para o mercado de trabalho.

Autores como Grin (2014), por exemplo, afirmam que as pesquisas sobre a relação economia e linguagem são recentes, mesmo com alguns economistas

Building the way

afirmando que ela sempre existiu. Numa breve análise será possível observar que a língua inglesa é presente e dominante em muitas atividades econômicas da sociedade, como por exemplo: produção científica, artes, cinema, marcas e, quase unânime no ensino de línguas estrangeiras. “A indústria do inglês pode ser compreendida por meio de três dimensões que se sobrepõem e se retroalimentam: o ensino comercial da língua inglesa, os testes de inglês e as publicações acadêmicas em inglês” (Passoni, 2018, p. 148). Por este motivo é possível afirmar que o uso ou o domínio da língua, principalmente da língua inglesa, deixa de ser somente um atributo étnico e se torna “capital simbólico”. Gray (2012) utiliza-se da representação de um pacote para expor os benefícios que os falantes de algumas línguas representam no mercado de trabalho, oferecendo este serviço principalmente como uma maneira de alcançar melhores salários. Para o autor, “a linguagem está sendo submetida a um processo de mercantilização ou como forma de capital” (Gray, 2012, p. 3).

Enquanto uma parcela da população precisa investir tempo e recursos financeiros para ter acesso aos benefícios que o domínio da língua proporciona, Grin (2014, p. 87) apresenta as vantagens que os nativos possuem em relação aos demais,

- 1- não precisam investir tempo nem dinheiro no aprendizado de outras línguas, já que falantes nativos de outras línguas aprendem inglês;
- 2- podem investir de forma lucrativa os recursos assim economizados em outras estratégias de desenvolvimento que promovam o crescimento;
- 3- obter quase o monopólio no mercado da tradução e interpretação para o inglês, bem como na edição de textos em inglês e ensino de idiomas;
- 4- não precisam fazer nenhum esforço para se fazer entenderem ambientes internacionais;
- 5- manter uma vantagem decisiva na negociação e no conflito, simplesmente porque ocorre em sua própria língua, enquanto outros têm que lutar para em inglês- para eles- uma linguagem estrangeira.

Além das vantagens citadas, relembremos que a hegemonia da língua inglesa vem carregada de ideologias, a começar pelo acesso, pois sabemos que o domínio da língua oferece novas perspectivas de trabalho, vagas com melhores salários, entre outras vantagens. O que nos leva a refletir sobre qual parcela da população essas vagas estão previamente destinadas. Para todos os que têm o desejo de se candidatar a uma vaga ou somente para aqueles que desde os seus primeiros anos de escolarização se privilegiaram com aulas de inglês nas escolas regulares e de idiomas? Grin (2014) relata a respeito dos imigrantes hispânicos nos

v. 13, n. 2

Building the way

EUA, que não falam inglês. Estão sem trabalho? Não, estão empregados porque sempre existirão alguns subempregos que não exigirão que os imigrantes saibam falar inglês, principalmente em comunidades muito específicas, no entanto, em sua maioria aqueles que têm o domínio da língua se sobressaem aos demais, especialmente na área financeira, evidenciando assim o valor da língua inglesa como língua internacional.

Metodologia

Para refletir sobre as questões em foco, optamos por realizar uma pesquisa exploratória com dados referentes a uma cidade do estado do Paraná, mais especificamente na região Sudoeste, localidade onde atuam as pesquisadoras autoras do estudo. As informações foram coletadas diretamente em quatro escolas/franquias que estão localizadas no centro da cidade, e foram utilizadas, única e exclusivamente para análise e discussão dos dados. Das escolas que foram pesquisadas, todas ofertam a língua inglesa como principal.

Telefonamos para as escolas e solicitamos as informações de que precisávamos, para compor a pesquisa, buscando por escolas que oferecessem curso de nível básico para adultos. Levantamos informações sobre o valor de mensalidade e do material e o tempo mínimo de duração do curso, que possibilitasse atingir uma boa compreensão.

Portanto, utilizaremos os dados levantados para discorrer sobre a mercantilização do inglês, afinal estamos diante da utilização do inglês como língua franca, num cenário mundial em que as pessoas estão aprendendo cada vez mais essa língua por fatores econômicos, o que a relaciona como “mercadoria” (Heller, 2010), pois é carregada de capital simbólico que pode ser convertida em capital material (Passoni, 2019).

Geração e discussão dos dados

Este texto aborda o termo Língua Adicional (LA) para o ensino aprendizagem de línguas, mais especificamente o inglês (ILA), utilizado no contexto de estudo, pois abrange mais especificidades. Essa denominação inclui

Building the way

particularidades como o imigrante que está no Brasil, o aluno que tem a família toda brasileira e possui outra língua, por exemplo o espanhol e os que nasceram aqui, porém na sua casa é falada outra língua, que não o português, nem o inglês. Para Jordão (2014, p. 31),

A partir da perspectiva de que em muitas comunidades brasileiras o inglês ensinado na escola seria apenas mais uma das línguas que os estudantes possam conhecer, o termo ILA celebraria a coexistência de várias línguas em sua insistência em não destacar uma língua em detrimento de outras, desconsiderando fronteiras políticas como demarcadoras de limites linguísticos e reconhecendo que a língua “do outro”, “estrangeira”, também pode ser utilizada como espaço expressivo por comunidades que compartilham de uma outra língua materna que não essa “outra estrangeira”.

Concordando com Jordão, quando consideramos todas as possibilidades de conhecimento de línguas, pois não estudaremos um caso específico, muito pelo contrário, evidenciamos um ambiente heterogêneo e que busca aprender outra língua, nesse caso o inglês.

O site LinkedIn⁴ noticiou que os profissionais que são fluentes em inglês podem receber um salário até 70% maior em relação aos que não falam nenhuma língua estrangeira. Dependendo da área que for escolhida pelo trabalhador, o inglês deixa de ser um diferencial no currículo e passa a se tornar um pré-requisito. É indiscutível a relevância da língua inglesa para os que buscam melhores faixas salariais e melhores condições de trabalho.

A presente discussão, é baseada nas pesquisas realizadas, considerando os valores da mensalidade e do material didático, também levamos em conta o total de horas/aulas, afinal priorizamos o custo benefício de todos os itens pesquisados para a formação básica de três anos em ILA, de quatro escolas de idiomas.

Iniciamos com a escola A, a qual oferece ao aluno 2h30 semanais, totalizando 300 horas no final do curso. O valor de R\$12.240,00 é correspondente a mensalidade, somado a R\$2.700,00 valor do material. O custo mensal desta escola é de R\$415,00.

⁴ Fonte: <https://pt.linkedin.com/pulse/ser%C3%A1-que-falar-ingl%C3%AAs-aumenta-mesmo-o-teu-sal%C3%A1rio-yonara-mateus>

Building the way

A escola B, oferece ao aluno 2h30 semanais, totalizando 300 horas no final do curso. O valor de R\$9.972,00 é correspondente a mensalidade, somado a esse valor, temos o material que é R\$2.394,00. O custo mensal desta escola é de R\$343,50.

Na escola C, o aluno desfruta de 2h semanais, totalizando 240 horas no final do curso. O valor de R\$13.572,00 é correspondente a mensalidade, somado a R\$3.000,00 valor do material, ficando em R\$460,00, o custo mensal desta escola.

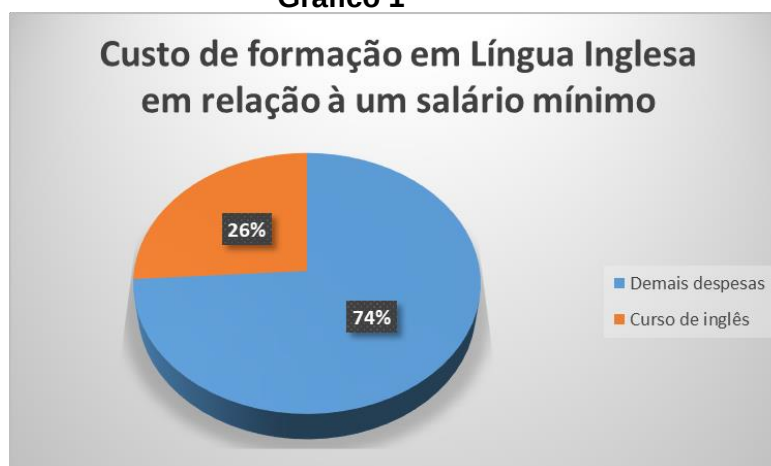
A escola D oferece aos aprendizes um total de 240 horas de estudo, ao final dos três anos. Seu custo mensal fica em R\$396,00, pois o custo do material e das mensalidades total dos três anos, gira em torno de R\$14.280,00.

Escola	Valor	Duração do curso	Pagamento	Material	Tempo/Semana
A	R\$ 12.240,00	3 anos	36x	R\$ 2.700,00	2 aulas de 75 minutos
B	R\$ 9.972,00	3 anos	36x	R\$ 2.394,00	2 aulas de 75 minutos
C	R\$ 13.572,00	3 anos	36x	R\$ 3.000,00	2 aulas de 60 minutos
D	R\$ 10.080,00	3 anos	36x	R\$ 4.200,00	2 aulas de 60 minutos

Considerando que o salário médio de um brasileiro é de R\$2.924, ou seja, pouco mais que dois salários mínimos, buscamos refletir sobre as possibilidades de um trabalhador adquirir a formação no ILA nas instituições em foco. O investimento necessário está apresentado na tabela acima, levando em consideração o tempo de aula, o custo do material e da mensalidade, bem como o tempo para conclusão.

Como podemos evidenciar na tabela e na análise discriminada acima, dentre todas, a escola B oferece o menor custo mensal e mais horas/aulas que as escolas C e D. Portanto, optamos pela escola de menor custo para realizarmos o cálculo de investimento necessário para a formação básica na língua inglesa, com base em 01, 02 e 03 salários mínimos, conforme gráficos a seguir:

Gráfico 1

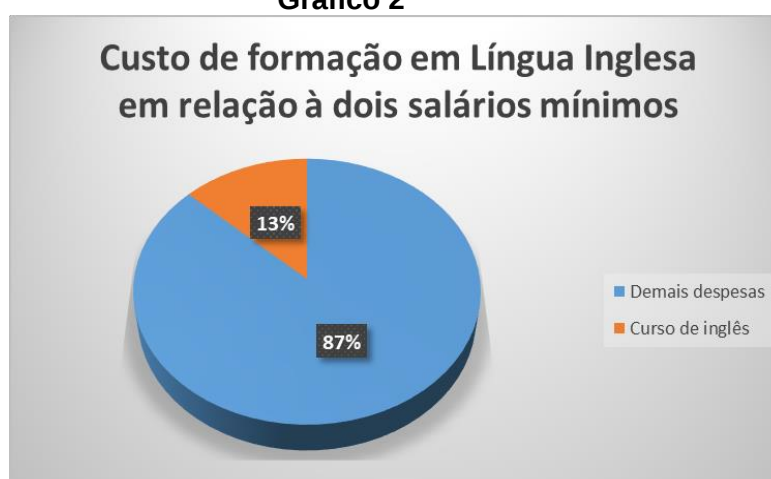


Fonte: As autoras

Analisando o gráfico acima, entendemos que o brasileiro que ganha um salário mínimo, ou seja, R\$1.320,00, tem 26% do seu salário comprometido com o curso de inglês, o que indica uma sobra de somente R\$976,80 para as demais despesas, ficando praticamente inviável esse custo para a sua realidade.

Quanto aos dois salários mínimos, evidenciados no gráfico abaixo, nele o curso representa um total de 13%, sobrando para o cidadão a quantia de R\$2.296,50 para os demais gastos mensais.

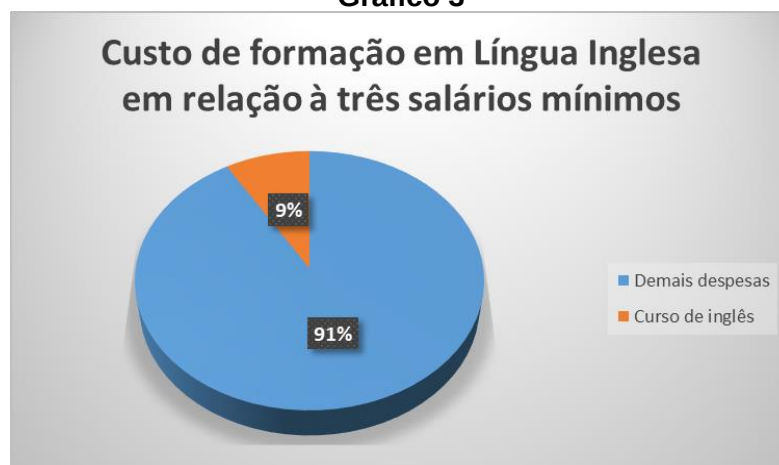
Gráfico 2



Fonte: As autoras

Por fim, no gráfico 3, podemos observar que 9% é o valor do custo do curso de inglês, nesse exemplo podemos concordar que a possibilidade de poder fazer esse estudo, é um pouco mais viável, pois a quantidade que sobra dos salários para o estudante, é de R\$3.616,50.

Gráfico 3



Fonte: As autoras

Ao analisarmos os gráficos observamos que é necessário o comprometimento de uma parte significativa da renda mensal para ser investida na formação de uma língua adicional. Em muitas situações, mesmo sendo identificada a necessidade de formação em línguas, não é possível utilizar uma parcela dos ganhos porque estes já estão comprometidos com despesas básicas como: habitação, alimentação, transporte, entre outros. E assim se forma um paradoxo, onde há necessidade de aumentar os ganhos, sendo uma das possibilidades a formação em línguas, no entanto não há um saldo para que esse investimento possa ocorrer. Dessa forma, é muito difícil sair de situações de subempregos, baixa remuneração, entre outros.

É neste cenário que se destaca a importância de políticas linguísticas que garantam o acesso da população ao ensino das línguas. Afinal,

Em um mundo globalizado, caracterizado por economias baseadas em princípios neoliberais, o propósito de escolarização e ensino superior é reconstruído principalmente em termos de atendimento às necessidades da economia (Gray, 2012. p. 37).

No entanto, sabemos que não é essa a realidade, o acesso ao ensino de qualidade, e o acesso à língua adicional mantém as relações de poder, que são desiguais, conforme se refletem na nossa sociedade (Shohamy, 2006). Sendo assim, a começar pela nossa cidade, necessitamos de políticas públicas que permitam a participação de estudiosos e pesquisadores de políticas linguísticas. Eles poderão ajudar no melhor direcionamento das verbas públicas que poderão ser melhor

Building the way

direcionadas, de forma a amenizar o distanciamento que ocorre entre as faixas mais carentes de população, e o ensino de qualidade. Não somente de línguas estrangeiras, mas em todos os componentes curriculares que são previstos em nossa BNCC.

Diante das deficiências apresentadas pelo ensino de línguas destacamos a importância do professor, que pode promover nos alunos um incentivo de procurar aprender mais a respeito da língua de seu interesse através de ações desenvolvidas pela sociedade civil organizada, entidades religiosas, e até mesmo através da internet, de maneira autodidata.

201

Considerações finais

Desde sempre a língua foi e é parte essencial da humanidade. O inglês há muito tempo vem marcando seu espaço pelo mundo. Mesmo quando ele ainda não era visto como uma força motriz nominada como língua franca ou internacional (Jordão, 2014) o idioma já fazia parte de muitos negócios internacionais como a aviação e o turismo. Principalmente após a Segunda Guerra Mundial quando passou a ser visto como um “novo inimigo” - para as línguas europeias (alemão, espanhol e francês) - (Spolski, 2004), mas atividades comerciais estratégicas, o mantiveram visível.

Sua expansão no Brasil foi contínua desde a colonização do território pelos portugueses e seu lugar vem se consolidando, especialmente após a alteração da LDB em 1996, pela qual todas as escolas de EF e EM deveriam oferecer uma LA, chegando no ápice em 2017, quando a LDB sofreu uma nova alteração, exigindo que todas as escolas de EF e EM, tenham o inglês como componente curricular.

Nesse percurso todo, a língua inglesa teve seu capital simbólico (Passoni, 2019) inflacionado, pois “os nichos de mercado e o valor agregado simbolicamente apresentam variabilidade linguística, tanto para a gestão de trabalhadores quanto para a venda de produtos” (Heller, 2010, p. 106). Tal relação pode ser percebida através da análise aqui apresentada, uma vez que fica evidente que seu valor está aquém de muitas realidades, principalmente das pessoas que possuem renda mensal de três salários mínimos, ou menos.

Para os professores da educação pública, cabe a missão de incentivar a

Building the way

aprendizagem da ILA, principalmente durante suas aulas, mas também autodidaticamente, pois a grande maioria desses estudantes, não possuem condições para poder participar de aulas de cursos extracurriculares externos do contexto escolar, em inglês.

Sob o escopo das políticas linguísticas, a partir do que argumenta Coulmas (2009), consideramos que o inglês deveria ser fomentado em nosso sistema educacional como um “bem público”. Ou seja, como bens que geram “vantagens indivisíveis em benefício de todos, nada subtraindo o gozo de um indivíduo ao gozo dos demais” (Matteucci, 1998, p. 107).

Para tanto torna-se urgente a implementação de políticas linguísticas voltadas ao desenvolvimento de leis que oportunizem o aprendizado de ILA em contextos escolares públicos, de modo a promover o acesso a idiomas, principalmente ao inglês, de modo que ele possa ser concebido para além de um nicho de comércio ou mercadoria, mas sim como um artefato cultural que pode auxiliar no acesso a conhecimentos e oportunidades no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, S. S. Retrato dos rendimentos do trabalho – resultados da PNAD Contínua do segundo trimestre de 2023. *Carta de Conjuntura*, 60, Nota 22. 3º trimestre de 2023. Disponível em : <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2023/09/retrato-dos-rendimentos-do-trabalho-resultados-da-pnad-continua-do-segundo-trimestre-de-2023/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

COULMAS, F. Language and economy. In: WEI, L. (Ed.). *Contemporary applied linguistics: linguistics for the real world*. New York: Continuum International Publishing Group, 2009. v. 2, p. 28-45.

FREYRE, Gilberto. *Inglêses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/MEC, 1977.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

GRAY, J. The English the industry. In: HEWINGS, A. and C. Tagg (eds). *The Politics of English: Conflict, Competition, and Co-existence*, 2012, p. 137-163.

GRIN, F. Economic approaches to language and language planning. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, v. 121, n. esp., p. 1-16, 1996.

Building the way

GRIN, F. Economic Considerations in Language Policy. In: RICENTO, T. (Ed.) *An introduction to language policy: theory and method*. Oxford: Blackwell, 2014, p. 77-94.

GRIN, F.; SFREDDO, C.; VAILLANCOURT, F. *The economics of the multilingual workplace*. New York: Routledge, 2010.

HELLER, M. *The commodification of language*. Annual Review of Anthropology, 2010, v. 39, p. 101-114.

IVES, P. *Gramsci's politics of language: engaging the Bakhtin circle & the Frankfurt school*. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

JORDÃO, C. *ILA – ILF – ILE – ILG: Quem dá conta?* Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 14, n. 1, 2014, p. 13-40.

LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. *A geopolítica do Inglês*. Parábola: São Paulo, 2005, p. 7-11.

LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. *A geopolítica do Inglês*. Parábola: São Paulo, 2005, p. 135-159.

LAGARES, X.C. Capítulo 2: Língua, Estado, Mercado. In: LAGARES, X.C. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 49-96.

LAJOLO, Maria. *Livro didático: um (quase) manual de usuário*. Em aberto, Brasília, ano 16, p.jan./mar. 1996. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368>. Acesso em: 24 jun. 2023.

LIMA, Gislaíne P. *Breve trajetória da Língua Inglesa e do Livro Didático de Inglês no Brasil*. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/argtxt/resumos-anais/GislaínePLima.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MATTEUCCI, N. Bem comum. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. da UnB, 1998. v. 1, p. 106-107.

MATEUS, Yonara. *Será que falar Inglês aumenta (mesmo) o teu salário?*. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/ser%C3%A1-que-falar-ingl%C3%AAs-aumenta-mesmo-o-teu-sal%C3%A1rio-yonara-mateus>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Novo Ensino Médio*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#:~:text=Anteriormente%2C%20a%20LDB%20n%C3%A3o%20trazia,assim%20desejarem%2C%20preferencialmente%20o%20espanhol>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PASSONI, Taisa Pinetti. *O programa inglês sem fronteiras como política linguística: um estudo sobre as ideologias da língua inglesa no âmbito da internacionalização do ensino superior brasileiro*. Londrina, 2018.

Building the way

PASSONI, Taisa Pinetti. *Language Without Borders (English) Program: A Study on English Language Ideologies*. Rev. bras. linguist. apl., June 2019, vol.19, no.2, p. 329-360.

SARTRE, J. P. *O existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.

Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica*. Paraná, 2008.

SHOHAMY, E. Language education policies. In: SHOHAMY, E. *Language Policy: hidden agendas and new approaches*. London, Routledge, 2006, p. 76-92.

SPOLSKY, B. How did English Spread. In: SPOLSKY, B. *Language Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 76-91.

TOLLEFSON, J.W. Critical Theory in Language Policy. In RICENTO, T. (Ed.) *An introduction to language policy: theory and method*. Oxford: Blackwell, 2006, p. 42-59.